

O Carnaval: leituras, sentidos e vivências

Carlos F. Clamote Carreto

Interroger une mythologie, c'est aussi scruter les noms qui la portent. Or, aujourd'hui encore, le mot *Carnaval* constitue une énigme pour les philologues [...]. Étymologie peu sûre, explications artificielles, attestations tardives, en fait le brouillage étymologique qui entoure le mot *Carnaval* est révélateur des impasses d'une certaine lexicologie ignorant l'anthropologie ou l'histoire des religions. Peut-on écrire l'histoire des mots si l'on ignore l'histoire des choses auxquelles ces mots renvoient?

Philippe Walter, *Mythologie chrétienne. Fêtes, rites et mythes au Moyen Âge*. Paris: Éditions Imago, 2005, p. 26.

Abordar a problemática do Carnaval é um desafio complexo. Por detrás desta palavra, cujas origens etimológicas permanecem obscuras e enigmáticas, como lembra Philippe Walter, escondem-se efectivamente práticas culturais multifacetadas nas quais ecoam fragmentos de um sistema mitológico coerente embora de intrincada decifração do ponto de vista metodológico e não só. E no entanto, independentemente das inflexões culturais e ideológicas que sofreu ao longo dos tempos, essencialmente com a cristianização do Ocidente medieval, continua a marcar, com a sua presença ambígua, multifacetada e incontornável, o ritmo dos anos. Engendrando um misto de sedução, fascínio e terror, projecta-se e redefina-se, no Carnaval, a relação simbólica do homem com o universo. Enquanto experiência extrema, o Carnaval veicula uma violência arcaica que as sociedades se esforçaram por exorcizar e/ou domesticar, circunscrevendo nos limites de uma linguagem codificada e socialmente aceite ou tolerada (o disfarce aliado à inversão temporária dos valores e da identidade sexual ou social, a sátira política e moral, etc.). Permanece, por vezes, uma atmosfera ruidosa e indiferenciada onde os sons se desarticulam numa celebração do caos primordial do qual nascerá uma nova e harmoniosa ordem. Noutros

casos, essa violência é, de imediato, esconjurada através de uma cuidada encenação coreográfica e musical dos desejos ou das angústias latentes (como acontece, nomeadamente, no Carnaval terçoirence). O Carnaval tornou-se palco por excelência da representação. Ora, não será toda a representação, mesmo quando procura representar a desordem, uma manifestação da Ordem? Não existirá um conflito intrínseco e secreto entre Carnaval e Representação que alimenta a própria dinâmica carnavalesca? Seja como for, no centro desta experiência lúdica, permanece sempre o riso na sua dimensão essencialmente excessiva, opaca, ilegível e potencialmente ameaçadora.

Neste sentido, mesmo nas suas manifestações mais eufemísticas, trivializadas ou miscigenadas, o Carnaval é sempre expressão do sagrado (na presença do qual reencontramos esse misto de fascínio e terror) e não apenas parêntesis de permissividade, rebeldia e caos tolerado no seio de uma ortodoxia religiosa vigente. Philippe Walter (op. cit., p. 13-15) vai ainda mais longe ao afirmar que o Carnaval não se reduz a um mero período que a Igreja foi sendo forçada a integrar/tolerar no âmbito do seu calendário litúrgico. O Carnaval é o Tempo que molda a Forma do Tempo. É o Tempo fundador por excelência, o Tempo das origens que preside à criação de mitos e de cosmogonias.

Ora, a Idade Média (entendida em toda a sua amplitude cultural e não nos restritos limites impostos pela cronologia) revela-se indubitavelmente como um período particularmente fértil para o estudo do Carnaval, na medida em que esta civilização foi, senão uma época fundadora, pelo menos um importante período de refundação (ou refundição) que recolheu, redefiniu e transformou, sem nunca a apagar, uma herança plural e heterodoxa (tradição indo-europeia, fundo celta e germânico, ideologia nobiliárquica e cortês, folclore, pensamento greco-latino...) no seio de uma civilização reunificada em torno do logos cristão. Neste sentido, pensar o Carnaval na Idade Média representará, por ventura, uma forma privilegiada de pensarmos a nossa relação com tempo e com a cultura nas suas mais diversas manifestações.

De todos estes desafios inerentes à problemática carnavalesca se teceu o Colóquio Internacional realizado na Ilha Terceira (Angra do Heroísmo e Praia da Vitória) entre 19 e 22 de Fevereiro de 2007 que congregou investigadores oriundos de diversas partes do mundo (França,

Portugal, Itália, Suíça, Bélgica, Polónia, Holanda, Guiana) que aceitaram partilhar e discutir olhares, leituras, hipóteses e interrogações conferindo ao Carnaval a dupla dimensão sem a qual dificilmente poderá ser apreendido: uma dimensão multidisciplinar mas também multicultural.

Do romance de Chrétien de Troyes ao folclore terceirense e guianense, de Renart a Rabelais, da obra de Hans Sach à poesia de Lorenzo de Medici, passando pela hagiografia, a lírica trovadoresca, a literatura alegórica e os testemunhos iconográficos, as várias comunicações que agora se consubstanciam em Actas mostram que o Carnaval não é apenas um tema com notável relevância sócio-cultural e uma não menos notável recorrência nos vários tipos de discurso. A sua presença, explícita ou meramente sugerida, exorcizada ou secretamente celebrada, literal ou (dis)simulada no não-dito da metáfora, é sempre, como vimos, um desafio à própria representação que abala, efémera mas profundamente, os alicerces da Ordem (social, cultural, discursiva, textual), devolvendo ao jogo a sua dimensão plenamente ritual e simbólica. Decerto, o intuito será sempre o de regenerar ciclicamente essa Ordem, de rescrever a sintaxe do mundo. Contudo, na falha que entretanto se abriu devido à emergência, mais ou menos violenta ou codificada, de uma outra linguagem (ou de um linguagem outra) ditada pelas leis do desejo, o Diabo (seja qual for o seu nome) espreita e, com ele, espreita-se também a visão do abismo e da deriva do(s) sentido(s).

Evocar o Carnaval não significa apenas, no entanto, reflectir sobre a sua natureza de tema que se oferece à representação através de imagens, discursos e reminiscências históricas e míticas. É também uma realidade, uma experiência, um signo vivo que continua a mobilizar energias, memórias e vontades em todo o mundo. O Carnaval da Ilha Terceira, durante o qual decorreu o Colóquio, é exemplo paradigmático desta capacidade única que o Carnaval tem de congregar a comunidade inteira em torno de uma festa onde os rituais tipicamente carnavalescos (a música, a abundância de alimentos, o disfarce, o fascínio pela representação) convergem com práticas singulares cuja riqueza aos mais diversos níveis (coreográfico, textual, etc.) constitui um precioso manancial para investigações de natureza etnográfica, histórica, sociológica, linguística ou mesmo literária.

Viver esta realidade, tendo mesmo o privilégio de penetrar nos bastidores do Carnaval terceirense, constituiu uma oportunidade única de

ver a semiologia e o imaginário carnavalescos encarnarem num referente histórica e culturalmente motivado. Ora nada disto teria sido possível sem a admirável hospitalidade de todos quantos nos acolheram quer em Angra do Heroísmo, quer na Cidade de Praia da Vitória, contribuindo para transformar aquilo uma simples actividade académica numa gratificante experiência humana que todos os participantes no Colóquio recordarão certamente com prazer e saudade.

Gostaria, neste sentido, de começar por agradecer ao Instituto Açoriano de Cultura na pessoa do seu director, o Dr. Jorge Bruno, o apoio incondicional dado a esta iniciativa desde a primeira hora. A ele e a todos os que o adjuvaram, em particular o Dr. Pedro Cota, incansável interlocutor na preparação do Colóquio, se deve em boa parte o sucesso desta iniciativa, desde a organização logística do encontro até às presentes Actas que, em boa hora, o IAC se disponibilizou a publicar, passando pela preparação das actividades paralelas que enriqueceram consideravelmente o Colóquio. Ao director do Museu de Angra do Heroísmo, agradeço o ter acolhido os nossos trabalhos em espaço tão caloroso e requintado. Pela sua hospitalidade exemplar, gostaria igualmente de deixar uma palavra de gratidão ao Senhor Presidente da Câmara de Angra do Heroísmo, Dr. José Pedro Parreira Cardoso, bem como ao Senhor Presidente da Câmara de Praia da Vitória, Dr. Roberto Lúcio Monteiro. Ao Sr. Reitor da Universidade Aberta, Professor Doutor Carlos Reis, quero agradecer todo o apoio logístico e institucional dado, sem reserva, a esta iniciativa. Finalmente, a organização deste Colóquio foi também fruto de uma longa amizade com Danielle Buschinger, Professora Jubilada da Universidade de Picardie Jules-Verne, cujo dinamismo, criatividade e entusiasmo contagiantes têm sido, ao longo dos anos, um exemplo e estímulo na constante busca e partilha do conhecimento pelos quatro cantos do mundo.

Resta-me agradecer a todos quantos aceitaram participar neste desafio com as suas comunicações, a sua simples, mas atenta e calorosa, presença, o seu afecto e espírito de descoberta, e, agora, com os seus artigos. A todos, inclusive os que as palavras não registam mas que a memória não esquece, muito obrigado.

Universidade Aberta, Lisboa, 1 de Outubro de 2007